

Os “Oferecimentos Assustados”: dos signos de percepção à ligação

Elisabeth Guarnier¹

RESUMO

Pensando-se um aparelho psíquico aberto ao ingresso do real, este trabalho propõe definir o estatuto metapsicológico daquilo que nele se inscreve na qualidade de signo de percepção, suas vicissitudes e destinos, uma vez que não alcancem uma simbolização possível. Um caso clínico irá acompanhar o percorrer deste caminho.

PALAVRAS-CHAVE: Signo de percepção; inscrição; traumatismo; pontes de simbolização.

Como psicanalistas, no exercício de nossa clínica, somos demandados a intervir junto às mais diversas formas de manifestações sintomáticas, que, por sua vez, vêm a expressar a presença de diferentes níveis de sofrimento psíquico aos quais os sujeitos dessas manifestações encontram-se expostos.

Devemos atender a essas demandas não só a partir de nossos próprios recursos afetivos internos, senão que firmemente apoiados em um corpo teórico que dê conta da compreensão metapsicológica de determinado

¹ Psicanalista, sócia-fundadora, docente, supervisora e Diretora de Estágio e Clínica Social da Constructo Instituição Psicanalítica.

fenômeno psíquico e de apontar, em uma linha de continuidade coerente, premissas para sua abordagem clínica.

Entretanto, tratando-se da psicanálise, sabemos que não podemos tomá-la desde a perspectiva de uma unidade de pensamento teórico. O próprio Freud, a quem se convencionou chamar, por sua originalidade, de “pai da psicanálise”, investiu na concepção de diferentes modelos de aparelho psíquico no decorrer de sua obra, sem que seus fundamentos ideológicos sejam coincidentes.

Nos primeiros tempos, perpassando sua teoria da Sedução ou do Trauma, o *Projeto*, *Carta 52* e o capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*, Freud elabora uma concepção exógena na constituição do psiquismo, cuja origem é sustentada por inscrições a partir de um real vivido. Em um segundo tempo, fundamentando o que se convencionou nomear de primeira e segunda tópicas freudianas, o autor propõe uma concepção endógena para as origens. Na primeira tópica, Freud teoriza uma vida pulsional que, embora tenha de ser constituída, se dá por delegação — do somático, no psíquico — onde fantasias originárias, filogeneticamente determinadas, não deixam de ocupar um lugar na origem última do inconsciente. Na segunda tópica, há uma proposta de inconsciente originário a partir de um inatismo pulsional.

Constatamos, assim, a partir de um olhar de conjunto sobre suas teorizações, que estas não se desdobraram em uma perspectiva linear. Em contraste, o que se observa é Freud movimentando-se no sentido de equilibrar, entre história e genética, seus princípios metapsicológicos.

Portanto, falamos de um legado teórico do qual Freud foi o brilhante pioneiro, mas que ele próprio reconheceu como uma obra que deixava vias em aberto, o que se apresenta claramente expresso em um trecho, que se

tornou famoso, em uma entrevista concedida ao jornalista George Viereck, em 1926: “Eu sou apenas um iniciador. Consegui desencavar monumentos soterrados nos substratos da mente. Mas ali onde eu descobri alguns templos, outros poderão descobrir continentes” (Viereck, 1988).

Desde então, é fato, gerações de psicanalistas vêm se ocupando da expansão e aprofundamento das teorias e conceitos inicialmente propostos por Freud. Alguns, identificados com a proposta ideológica mais endogenista presente em sua obra, compõem a escola inglesa, a partir da teoria metapsicológica proposta por Melanie Klein; outros compondo a escola francesa inaugurada por Lacan, identificada com sua teoria cuja origem se dá em um movimento de “retorno a Freud”, passaram a ocupar-se das origens psíquicas a partir de uma concepção exógena em sua constituição.

Um olhar, agora lançado sobre a própria psicanálise em seu conjunto, vai nos indicar que, independentemente do viés ideológico de seus autores acerca das origens psíquicas, ela permaneceu, por longo tempo, centrada na questão da conflitiva edípica e de seus desdobramentos, cenário em que nos encontramos com um psiquismo já constituído e estabelecidos os recalcamientos e os diferentes sistemas tópicos. Portanto, trata-se de uma psicanálise que, classicamente, a partir de construções metapsicológicas robustas, pode se presentificar, como método, diante de sintomas e inibições de origem neurótica.

Entretanto, é bem verdade que, a partir de suas experiências clínicas, alguns autores vieram abrindo espaço no campo psicanalítico para um olhar sobre o “irrepresentável”: a presença, no psiquismo, de inscrições que, diferentemente das representações-coisa recalçadas, possuíam pouco valor simbólico e, em sua derivação, não se demonstravam aptas a serem regidas pelo princípio do prazer. Afortunadamente, tal circunstância veio a ampliar as possibilidades de alcance da psicanálise, uma vez que os princípios

metapsicológicos de constituição psíquica, pré-edípicos, ganharam espaço para serem revisados e aprofundados.

Como analistas, somos permanentemente desafiados pela singularidade de cada sujeito que nos demanda auxílio. Cada dor tem sua história; cada sintoma, um sentido. O desafio está no alcançar psíquico dos nexos de sentido histórico — perdidos, insuficientes ou inexistentes.

Dentro deste contexto, alguns fenômenos sintomáticos mostram-se, de forma particular, ainda mais desafiadores, parecendo transcender à possibilidade de compreensão metapsicológica, condição fundamental para intervenção clínica. Situações estas que, em contrapartida, nos impulsionam permanentemente à revisão de nossas premissas teóricas, buscando nelas uma racionalidade que dê conta tanto dos avanços quanto dos impasses diante dos quais nossa clínica nos coloca.

Na experiência clínica que nós, Lucas e eu, atravessamos, deu-se assim. Pouco antes de completar cinco anos e em vias de ser internado, por indicação médica e de outros profissionais da saúde, em uma clínica para autistas que funcionava como um hospital-dia, os pais me buscam para uma avaliação e parecer. Sentiam-se resistentes e inseguros quanto à necessidade e aos benefícios de uma internação.

De fato, o menino chega apresentando todas as manifestações próprias de um autismo, como o abano com as mãozinhas e a recusa frente a minha busca de contato e de aproximação. Como pude verificar, tratava-se de um autismo secundário, uma vez que, até perto de seus dois anos, tivera um desenvolvimento marcado por busca dos objetos de apego e amor, bem como circulação do pulsional.

A partir daí e de um acordo com os pais sobre fazermos um investimento de ajuda a Lucas, cujas possibilidades reais iríamos avaliar gradativamente, iniciamos o tratamento.

Ao fim de um longo tempo de trabalho, durante o qual Lucas pôde ir se constituindo como sujeito, uma manifestação sintomática ainda permanecia, de forma inalterada, incompreensível e, portanto, inabordável. Tratava-se do que ele nomeava como os “oferecimentos assustados”; cenas de propagandas de televisão quando, repentinamente, vinha o anúncio: “Oferecimentos Sadia”, acompanhado da figura do peruzinho, ou, ainda, “Oferecimentos das Casas Bahia”. Lucas demonstrava desorganização diante de tais situações, reagindo com crises de pânico e comportamento de fuga, correndo ao encontro de algum local para buscar abrigo e se esconder.

De minha parte, enquanto analista, buscava encontrar um estatuto metapsicológico que me permitisse a compreensão do fenômeno.

Tratar-se-ia de um produto transacional simbólico, dando conta da derivação de uma representação recalcada? Uma manifestação psíquica assentada em linhas de conflito entre os sistemas inconsciente/consciente? Um sintoma clássico, efeito de um retorno do recalcado? Fosse assim, por que responderia com crises de pânico, quando a metapsicologia aponta o fato de que justamente um sintoma dessa ordem permite um equilíbrio psíquico, liberando o Ego da angústia desestruturante?

Embora, depois de algum tempo, eu me encontrasse com um menino que já podia enunciar (um sujeito constituído!) e falar sobre si e seus sentimentos, quanto aos “oferecimentos assustados”, não havia qualquer lembrança ou associação no decorrer de nossas sessões que me permitisse formular hipóteses, seguir um fio de ligação.

Entretanto, uma janela de possibilidade se abre em uma determinada sessão: trabalhávamos calmamente com o Lego, na construção de algo, quando quebro o silêncio e falo, entusiasmada e em um tom alto de voz, sobre uma peça que estivera perdida: “Olha o que eu achei!”. Nesse momento, seu pânico e sua desorganização se reproduzem ali, dentro de seu espaço analítico. Em um salto, corre para trás de uma poltrona, onde permanece encolhido, pálido e trêmulo. Algum tempo depois, quando, mais calmo, voltamo-nos a tentar entender melhor a experiência, um único elemento pôde ser expresso: “Tu falou forte... falou forte, assim, comigo!”. A isso, seguiu-se uma recusa em continuar falando da situação ocorrida: “Não fala comigo, chega... Se tu falar eu não fico feliz... Tu quer estragar a minha felicidade!”.

O conjunto dessa cena reproduzida, em transferência, no interior de nosso espaço acabou por lançar luz sobre uma lembrança guardada a respeito de uma determinada entrevista que tivera com sua avó, polo afetivo muito importante para Lucas. Na ocasião, já havia anos, dividira comigo que, quando o neto tinha entre um ano e meio e dois anos, passara a despertar a cada duas horas, chorando, pedindo mamadeira. Em algumas dessas ocasiões, o pai, perdendo o controle, respondeu com palmadas e gritos dirigidos ao filho. Refere a avó: “Pobrezinho, só queria mamadeira e recebia gritos e tapas!”.

Assim, trata-se de uma cena em que o menino vive, com o pai, uma quebra abrupta de um estado de coisas, quando, em um susto, é pego de surpresa por outra, sem que estivesse preparado. A mesma cena fora, então, ativada diante da propaganda da televisão e ali, em transferência, comigo. Nas três cenas, há a presença do “oferecimento assustado”.

Tendo sido possível construir uma hipótese para o fenômeno, era hora de abordá-lo com um maior rigor metapsicológico, dando conta de sustentar uma possibilidade de intervenção clínica.

Como ponto de partida, tinha minhas identificações teóricas, e foi na esteira das contribuições de Silvia Bleichmar que encontrei sustento. Mais do que isso, pois, se temos como princípio de que uma teoria deva ser colocada à prova da clínica, de que nosso método deva estar em linha de adequação ao objeto a ser abordado, então, posso considerar o caso de Lucas como um presente, não só por trazer a oportunidade de ampliar meus limites como analista, mas também de confirmar, mais uma vez, a validade de suas propostas.

Dando vigor às ideias exogenistas contidas nos textos que constituem a teoria das inscrições de Freud, a proposta teórica de Laplanche (1992) sobre as origens do psiquismo humano, que deu lugar à alteridade do outro em sua constituição, foi uma base importante para as contribuições de Silvia Bleichmar.

Descapturando-se das propostas inatistas e estruturalistas que, segundo ela, guardadas as devidas proporções, condenariam a psicanálise a tempos míticos, Bleichmar (1993) ressitua os tempos históricos, necessários, dessa constituição. No centro, situa o outro, o cuidador, provido de uma vida pulsional inconsciente, recalcada, cujas mensagens emitidas, desde aí, encontrarão modos de inscrever-se no incipiente e despreparado bebê, dando início ao seu existir psíquico. Portanto, há uma assimetria nas condições de um e de outro, assimetria que vem a subverter a ordem biológica da criança, sua vida instintual, implantando, ali, o sexual.

Dedicando-se potencialmente a teorizar sobre como se dão os primeiríssimos tempos de constituição psíquica, bem como sobre os pré-requisitos que garantem sua organização, a autora irá propor, como ponto de chegada, uma diferenciação entre o que seria da ordem do Arcaico e do Originário no aparelho psíquico (Bleichmar, 1994).

Trabalhando o modelo freudiano, fundamentalmente o da *Carta 52 (112)* a Fliess, a autora vai apontar que existe um sistema que precede ao inconsciente: aquele constituído por sistemas de signos de percepção. Assim, sinaliza que, neste modelo, inconsciente e marca mnêmica recobrem-se apenas parcialmente, na medida em que nem todos os signos de percepção serão retranscritos ao sistema posterior, o do inconsciente, uma vez que, enlaçados às representações-coisa, possam vir a habitá-lo.

Diferentemente do originário, que corresponde a retranscrições metafórico-metonímicas dos signos de percepção, permitindo que possam vir a ganhar um *topus* e assim sejam fixados ao sistema inconsciente, o que é da ordem do Arcaico alude a signos que, não remetendo a nada senão a si mesmos, têm apenas um valor de existência pontual. Na impossibilidade de serem recapturados pela cadeia de transcrições, eles não alcançam um aval simbólico.

Penso que nos encontramos, aqui, diante dos “oferecimentos assustados” de Lucas, corroborando minha hipótese: trata-se de um signo de percepção; restos metonímicos de um real vivido com o objeto, em tempos precoces, cuja tradução estivera desde então impossibilitada. Uma vez inscrita em seu psiquismo a modos de uma intromissão traumaticamente instaurada, não pudera ser transcrita nem, por isso mesmo, fantasmaticizada.

Logo, estamos diante de um fenômeno muito particular, de uma reminiscência que não pertence ao originário, recalcado e transcrito mediante derivados, de algo não ligado, impossível de ser metabolizado e que progride como um pequeno bloco errático, onde o menino, capturado por ele, é arrastado à pura descarga.

Bleichmar (1994) referiu-se a esses signos de percepção como presença de “almas penadas” no aparelho psíquico, uma vez que podem circular

livremente por toda sua extensão, sem, entretanto, ter um lugar a que pertençam. Possuem a qualidade de inconsciente, mas, enquanto conteúdos não fixados, não pertencem ao sistema inconsciente; presentificam-se enquanto manifestos, na consciência, mas, não sendo traduzidos segundo as leis do processo secundário, não pertencem, também, ao sistema pré-consciente/consciente.

É por esse mesmo motivo que, enquanto signos de percepção, uma vez que sejam investidos, catexizados, não são passíveis de uma derivação regulada pelo princípio do prazer. Não percorrendo vias colaterais por onde os investimentos possam ser repartidos, distribuídos, eles ficam destinados a modos compulsivos de descarga: pulsão de morte.

Tomando a manifestação sintomática de Lucas, havia um traumatismo que, em um sem-cessar, se repetia, agora já não mais aportado desde o real externo, mas sim a partir de dentro do aparelho. Portanto, falamos de um autotraumatismo ao qual seu Ego permanecia exposto.

Nesse sentido, permito-me considerar que havia justiça nas palavras através das quais o menino expressava seu sofrimento. Isso porque ele se via atacado, desde dentro, por inscrições que não podia ligar, diante das quais não podia se defender e que, de fato, na medida em que avançavam sobre o Ego, se convertiam em “oferecimentos assustados”.

Considerando a ideia de um aparelho atemporalmente aberto ao real no qual, por *après-coup*, não só o passado poderá agir sobre o presente, como também o presente poderá agir sobre o passado, e de que a situação analítica convoca o sexual, tendo o potencial de recolocar em jogo o originário na sua própria essência, Silvia Bleichmar (2015) se propõe a pensar sobre modos de intervenção na clínica.

Dada a natureza metapsicológica dessas inscrições, a autora sugere que, não sendo em si mesmas simbólicas de nada, mas apenas uma espécie de embrião de toda simbolização possível, seu estatuto não é clinicamente abordável pela via da associação livre e interpretação, como se opera quando se está em busca de recuperar um material inconsciente. Nesse sentido, visto que denunciam uma fratura no processo de simbolização, elas só podem ser abordadas a partir de uma proposta ligadora.

A partir disso, Silvia Bleichmar propõe o conceito de “simbolizações de transição”, cujo sentido é possibilitar um nexos para a captura dos restos do real. Como uma ponte, estabelecida entre determinado elemento emergente e o histórico vivencial, que liga aquilo que, até então, permanecera desgarrado.

Contudo, é importante considerar que tal ponte não é estabelecida a partir de qualquer material aleatório, mas sim por indícios pontuais, presentificados a partir de contextos relatados ou, ainda, na transferência, desde o próprio interior do processo analítico.

No caso de Lucas, aquela cena reproduzida em transferência fora, então, crucial: lá estavam o “falar forte”, o susto, a quebra abrupta de uma realidade, quando, não preparado, era pego de surpresa por outra. Elementos que, colocados em correlação com o que se produzia diante daquelas propagandas de televisão e o que havia sido relatado pela avó sobre aquelas cenas precoces vividas com o pai, passavam a compor, entre si, um nexos que me permitiu formular uma hipótese possível.

Hora, então, valendo-me dos termos de Laplanche (1993), de transformar transferência em pleno em transferência em oco, ou seja, transformar uma repetição em um produto simbolizado.

Desde que fora autorizada pelos pais a dar ao filho o conhecer dos elementos reais vividos, um longo e cuidadoso tempo foi necessário até que pudéssemos melhor abordá-lo, tendo em vista que este movimento lhe gerava grande sofrimento e desorganização. Junto a isso, passara a responder, também, com reações somáticas, apresentando dores de barriga e diarreia durante nossas sessões.

Por fim, conseguimos conversar sobre o que fora vivido: era pequeno... sentia-se precisando de uma mamadeira e da presença de um outro... fora pego de surpresa por algo que não esperava... havia gritos, tapas... susto... não podia ainda compreender o que se passava... não entendia como aquele pai, que o cuidava e protegia, era o mesmo pai que, em outro momento, punha-se descontrolado e o atacava. Ao mesmo tempo, juntos fomos estabelecendo os nexos existentes entre os elementos presentes no que fora vivido com os que se atualizavam em face das propagandas de televisão e, ali comigo, no decorrer de nossas sessões.

O imediato cessar dos sintomas dava conta de expressar que uma tradução havia se operado ali. Aquelas inscrições arcaicas, que se presentificavam não simbolizadas, enquanto signos de percepção, finalmente ganhavam um lugar, um estatuto definitivo.

Na medida em que puderam ser entrelaçados ao resto do tecido representacional, perdendo seu caráter de isolamento, surgiu um produto psíquico novo, inexistente até então. Uma neogênese!

Em algumas situações, como em seminários ou mesmo em jornadas, venho comentando sobre a particularidade deste caso, entendendo que ele reflete as novas possibilidades de alcance da psicanálise quando ela se volta a teorizar para além (aquém?) das vicissitudes do Édipo e da neurose, apontando, em continuidade, novas propostas para intervenção técnica.

Entretanto, ainda não havia me dedicado a escrever sobre ele. E é, para mim, uma satisfação que assim o esteja fazendo agora, justamente para esta edição comemorativa aos 10 anos de nossa Revista Constructo.

Bibliografia

Bleichmar, S. *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Bleichmar, S. *Do motivo da consulta à razão de análise*. São Paulo: Zagodoni, 2015.

Bleichmar, S. *Nas origens do sujeito psíquico - do mito à história*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Laplanche, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Laplanche, J. *Problemáticas V, A Tina: a transcendência da transferência*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Viereck, G. S. O valor da vida (uma entrevista rara de Freud). Tradução de Paulo César Souza. *Ide*, v. 15, pp. 54-58, 1988.

Elisabeth Guarnier

Lucas de Oliveira, 1476/501

Porto Alegre – RS

bethguarnier13@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise